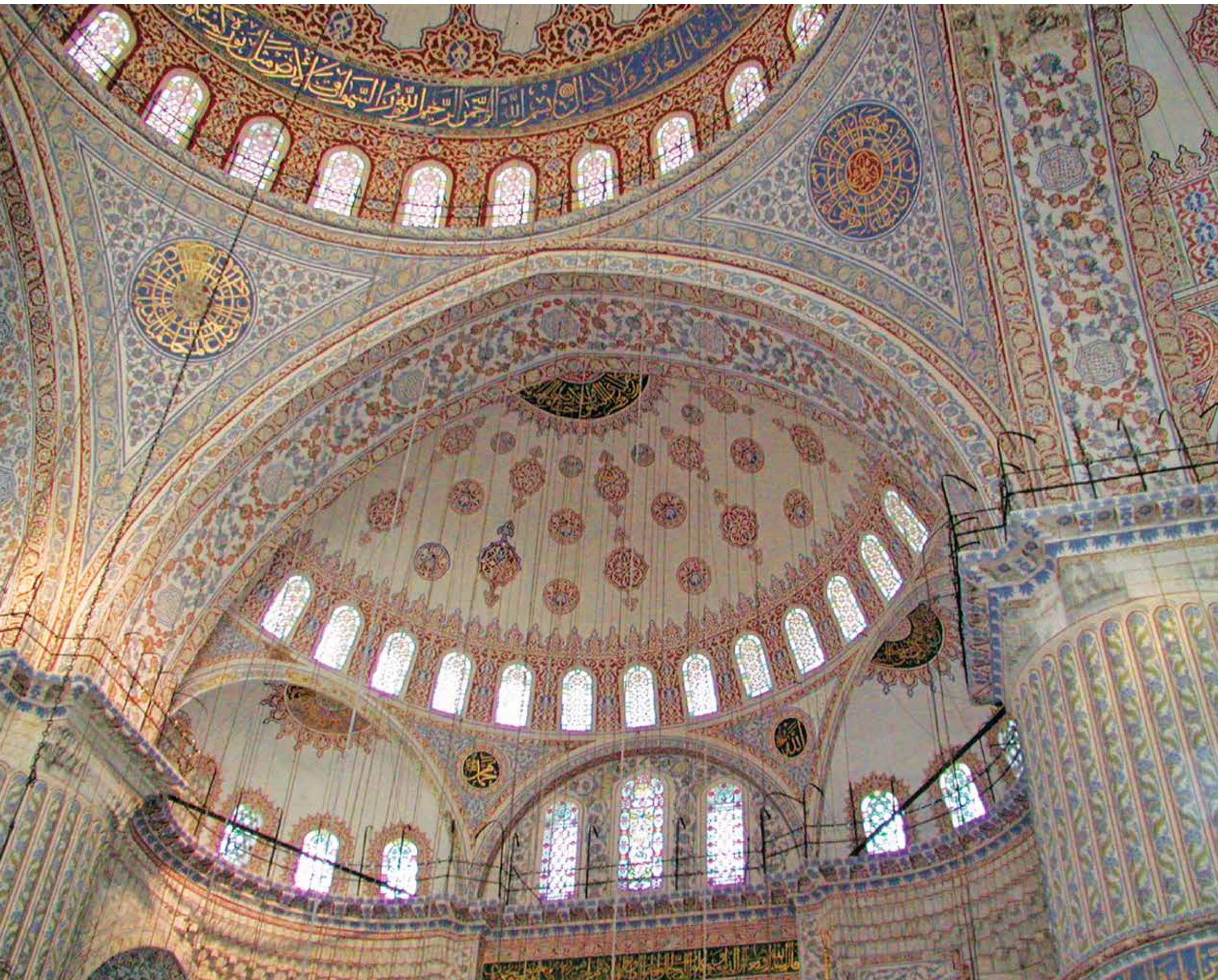




Istambul

CIDADE MÍTICA ENTRE DOIS CONTINENTES

É domingo de manhã e a cidade ainda dorme. Tomo o pequeno-almoço sobre o terraço do hotel com vista para as cúpulas e minaretes de Hagia Sophia e da Mesquita Azul tendo como única companhia a brisa fresca que sobe do Mar de Marmara.

Texto Maria João Castro Fotos Pedro Sousa Dias



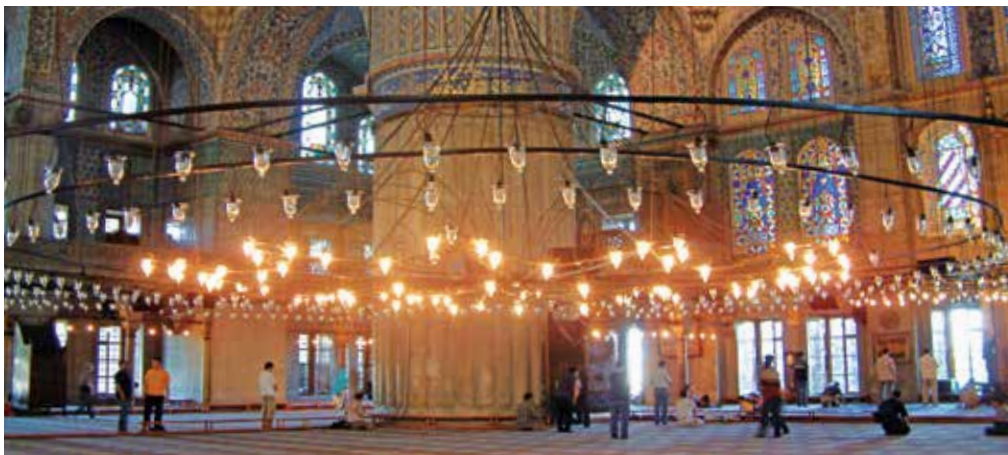


A primeira visita do dia tem lugar a bordo de um cruzeiro sobre o Bósforo, dando uma panorâmica iniciática da cidade a partir do ponto de vista do rio e do mar. Antes de entrarmos na embarcação cruzamo-nos com carrinhos de assadores de tomate, pimento e beringela, soltando aromas fortes e fumos densos que se dispersam levemente pelo ar. Em simultâneo, os vendedores de simit – um pão duro em forma de anel e coberto por sementes de sésamo – ostentam-nos amontoados sobre as cabeças, desafiando a lei da gravidade, enquanto nos cumprimentam com um “Merhaba!”, que significa “Olá” em turco.

O cruzeiro parte do Corno de Ouro, um rio sem corrente que divide a cidade e a parte europeia em dois bairros: Eminönü e Beyoğlu. O primeiro reagrupa a maior parte dos monumentos históricos; o segundo corresponde à cidade moderna. Ao longo das margens desfilam mesquitas, konak (palacetes tradicionais), yali (mansões de verão, construídas a partir do século XVII), paços e fortalezas numa história acompanhada embalada pela pequena ondulação e um agradável chá de maçã. Duplicado no espelho das águas do Bósforo surge a silhueta alva do palácio Dolmabahçe, a antiga residência de veraneio do sultanato a partir do século XIX. Envolto num nevoeiro espesso que vem do mar, este palácio, etéreo e irreal, apenas permite ver os vultos recortados das alamedas que levitam na taciturnidade da manhã. A fachada que dá para o rio reflete-se na superfície aquática espelhando os grandes muros brancos rematados por um gradeamento nêvo de ferro rendilhado. O conjunto parece liquidificar-se num cenário mítico engrandecendo-o para além dos sentidos.



Bizâncio,
Constantinopla,
Istambul: três nomes de
uma mesma metrópole
ativa, sedutora
e enigmática.



Já em terra dirigimo-nos para o bairro de Sultanhmet, pois é aí que se concentra o núcleo monumental da cidade. Passamos pela estação Sirkeci, construída para receber o luxuoso Expresso do Oriente, objeto de desejo dos viajantes de todo o mundo. Contornando o quarteirão da gare, e eis Hagia Sophia! Mandada construir em 548 por Justiniano, que a dedicou à Sagrada Sabedoria, foi, na altura, a maior igreja da cristandade e o seu interior abre-se numa sucessão de mosaicos, cúpulas, cores e caracteres, mosaicos policromos dourado-velho difíceis de igualar.

Ainda entontecidos de Hagia Sophia entramos num edifício vizinho, a Cisterna da Basílica. Numa ambiência escura e húmida, elevam-se do chão centenas de colunas que suportam uma série de abóbadas que se espelham na transparência aquática do chão. Aqui e ali, holofotes alaranjados iluminam alguns pilares e refletem-se na água que cobre o chão dando ao lugar uma aura de inferno dantesco. Planeada no século V, a cisterna foi construída com o fim de satisfazer as crescentes necessidades do Grande Palácio. Durante centenas de anos após a conquista, os otomanos não souberam da existência deste lugar tendo sido redescoberta já na época contemporânea depois de terem sido encontradas pessoas a recolher água e peixes, lançando baldes através de buracos escavados no solo.

Não muito longe situa-se a Mesquita Azul edifício que constitui um triunfo de harmonia, proporção e elegância sendo uma joia da arquitetura otomana. Edificada no século XVII, deve o seu nome à



decoração integralmente composta de azulejos azuis de Iznik; no interior, o aroma suave a incenso e o chão forrado a tapetes fofos, convida ao recolhimento e à meditação.

Da mesquita são dois passos até ao Hipódromo: hoje em dia pouco resta do gigantesco estádio do século III, que foi palco dos principais eventos públicos nos mil e trezentos anos seguintes. As silhuetas dos cozinheiros das bancadas ambulantes recortam-se por entre o fumo que se eleva dos assadores, assemelhando-os a aparições que exalam odores a especiarias, especiarias essas que se arrastam até ao não muito distante Bazar Egípcio ou Bazar das Especiarias. Monumento de odores e cores foi construído em 1660 como parte do complexo da Yeni camii, a Nova Mesquita, e deve o seu nome às ervas e espécies que se importavam desde as terras dos faraós. Aqui se exibem colares de pimentos vermelhos, fios de beringelas secas, sacos de grãos-de-bico abertos, recipientes cheios de pistachos, amêndoas, avelãs, e um sem número de ingredientes que se mostram num jogo de cores de tal maneira fortes que o conjunto se assemelha a um caleidoscópio iridescente.

Contudo, a grande experiência encontra-se no não muito distante Grande Bazar. Criado por Mehmet II pouco depois da conquista da cidade em 1453, é o maior do mundo coberto. Sob arcos e cúpulas labirínticas de uma beleza ímpar, escondem-se autênticas cavernas de Ali Babá que exibem uma panóplia de produtos inimaginável.

Atravesso a ponte Gálata e desemboco na movimentada Praça Taksim, com a sua fonte central e o seu piso esburacado. Aqui o fervilhar da cidade nunca abranda. Calcorreio a Istiklal Caddesi, para almoçar no mercado de peixe de Galatasaray por entre vapores e odores a kebabs acabados de fazer.

No último dia decido experimentar os hammans, os banhos turcos. São um sucedâneo das termas romanas e dos banhos bizantinos e foram introduzidos no mundo árabe como parte dos rituais de abluções, dando lugar à construção de edifícios anexos às mesquitas. A literatura europeia já me dera testemunhos deste mundo velado a vapor; Hugo, Flaubert e Gautier, bem como o nosso Eça de Queiroz, escreveram sobre as suas experiências nestes lugares. Escolho um dos mais antigos, os de Cagaloglu, com mais de trezen-





Cruzamento do mundo desde sempre: gregos, persas, romanos, saquearam-na, vandalizaram-na e destruíram-na mas os otomanos reergueram-na, mais bela do que nunca.

tos anos. Da experiência, tudo o que resta é um bem-estar que faz a alma levantar numa quietude lânguida que me remete para uma existência otomana há muito extinta, mas que ainda perdura na pele amaciada de uma visitante enamorada por uma cidade singular...

Quando saio para a rua, os muezzin chamam os fiéis para a oração. 525 mesquitas espalhadas por toda a cidade realçam o facto de noventa e oito por cento da população ser muçulmana e emprestam à urbe uma atmosfera etérea.

Bizâncio significa "Riqueza" e é fácil perceber porque deram este nome à cidade. Construída sobre sete colinas, tal como Lisboa, Roma e Praga, Istambul e a única situada sobre dois continentes, ela proporciona o chamado hüzün, um estado turco próximo da melancolia. Reconheço então a Constantinopla de Théophile Gautier, Gustave Flaubert, Gérard de Nerval, François de Chateaubriand, Alphonse de Lamartine, Pierre Loti, Orhan Pamuk, Ferreira de Castro, e principalmente a dos quadros de Antoine Ignace Melling, nobre e poética. Bizâncio, Constantinopla, Istambul: "Tu celebras os meus sentidos". •

FOOD AND TRAVEL PORTUGAL REVISTA À VENDA EM TODO O PAÍS



FOOD
and
TRAVEL

viagens e comida que nos inspiram

foodandtravelportugal.pt